

O Papa do fim do mundo: das influências teológicas às metas pastorais e desafios globais*

**The Pope of the end of the world:
from theological influences to global pastoral goals and challenges**

Tiago José Theisen* *

Resumo

Jorge Maria Bergoglio, adotando o nome de Francisco em referência ao *Poverello d'Assisi*, é o primeiro latino-americano a se tornar papa. Seu pontificado abriu novas perspectivas e desafios para a Igreja. Neste artigo, procura-se tematizar as influências teológicas do Papa Francisco e, ao identificá-las, defende-se a tese de que estas influências tomam corpo nas metas pastorais de seu pontificado e também oferecem um horizonte para a maneira de Francisco perceber os desafios globais de hoje. Metodologicamente apontam-se as influências da Teologia do Povo e da Teologia da Libertação no pontificado de Francisco. Por fim, mostra-se que estas influências estão presentes e são parte constituinte do magistério de Francisco. Não se trata de uma análise exaustiva nem dos desafios e nem

* Artigo recebido em 31/07/2020 e aprovado para publicação em 30/09/2020.

** Doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Possui graduação em Filosofia (2010), graduação em Teologia (2014) e mestrado em Filosofia (2018) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. É bolsista da CAPES/PROEX. Orcid.org/0000-0002-0382-3403. E-mail de contato: tiago.theisen@outlook.com.

das metas, mas acredita-se que as influências apontadas servem de base para se compreender, com mais clareza, os escritos de Francisco e as suas indicações para o caminhar eclesial.

Palavras-chave: Papa Francisco; Teologia da Libertação; Teologia do Povo; Igreja.

Abstract

Jorge Maria Bergoglio, adopting Francis' name in reference to the *Poverello d'Assisi*, is the first Latin American to become Pope. His pontificate opened new perspectives and challenges for the Church. In this article, we discuss the theological influences of Pope Francis. Identifying the influences, we sustain that they take shape in the pastoral goals of his pontificate. In addition, they offer a horizon that unveils Francis' way of perceiving today's global challenges. Methodologically, we indicate the influences of People's Theology and Liberation Theology in Francis' pontificate. Finally, we show that these influences are present and a constituent part of Francis' magisterium. This article is not an exhaustive analysis of either the challenges or the goals. However, we believe that the aforementioned influences serve as a basis for a clearer understanding of the writings of Francis and his indications for the ecclesial journey.

Keywords: Pope Francis; Liberation Theology; People's Theology; Church.

Introdução

Jorge Maria Bergoglio foi eleito papa no conclave de 2013, escolhendo o nome de Francisco ao se apresentar na praça de São Pedro, em 13 de março do mesmo ano. Na benção apostólica "Urbi et Orbi", proferida na sacada central da Basílica Vaticana no dia da sua eleição, ele afirmou "vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais tenham ido buscá-lo quase ao *fim do mundo*... Eis-me aqui!" (FRANCISCO, 2013, não paginado, *grifo nosso*). Este artigo tematiza as influências teológicas desse bispo de Roma buscado no fim do mundo. Ao analisá-las, defende-se a tese de que estas influências teológicas tomam corpo nas metas pastorais de seu pontificado e também oferecem um horizonte para a maneira de Francisco perceber os desafios globais de hoje. Ressalta-se que não se trata de uma análise exaustiva,

seja das influências teológicas seja dos escritos do primeiro papa latino-americano.

1. As influências teológicas

Objetiva-se situar as influências teológicas da Teologia da Libertação - tanto na sua vertente hegemônica, quanto na sua vertente argentina conhecida como Teologia do Povo - nos textos magisteriais. Francisco possui outras influências, como é o caso dos escritos de Romano Guardini, porém aqui a pesquisa é delimitada pelas influências teológicas citadas.

1.1 Da Teologia da Libertação

Primeiramente vale indicar que a Teologia da Libertação não é considerada uma Teologia do genitivo. Isto significa que ela “não se preocupa em pensar teologicamente a libertação, mas sim em repensar a teologia a partir do processo de libertação dos pobres” (MANZATTO, 2015, p.185). Assim, a Teologia da Libertação não traz somente em sua constituição a consciência da realidade histórica atual da América Latina, mas também a necessidade de compreendê-la como apelo de Jesus Cristo para operar o anúncio de seu evangelho. A libertação, dessa maneira, é entendida como a transformação não só da pessoa e da sociedade, mas igualmente das estruturas sociohistóricas. A experiência fundante da Teologia da libertação se relaciona com a constatação de que a maioria da população latino-americana vive em condições de pobreza e/ou miséria e de opressão social e política, resultado de uma injustiça estrutural histórica. A primeira influência se encontra precisamente neste ponto. A teologia do Papa Francisco não se restringe a um estudo distante da realidade, mas é um fazer teológico que parte das situações concretas. Por isso, ele olha para a Igreja e para a sociedade a partir dos pobres e excluídos. Na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) escreve “quero uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198).

Pedro Trigo nota na *Evangelii Gaudium* a “mútua referência entre Jesus e os pobres, demonstrando sua centralidade no cristianismo” (TRIGO, 2019, p. 189). São apontados os seguintes textos que identificam essa mútua referência: “deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade” (EG 186). Por isso, “hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho” (EG 48). Inclusive, no entendimento de Nogueira, “o projeto de uma ‘Igreja pobre e para os pobres’ tornou-se o centro das preocupações, orientações pastorais e é uma marca do ministério de Francisco” (NOGUEIRA, 2015, p. 615).

Outra influência da Teologia da Libertação, como já foi mencionada, é a opção preferencial pelos pobres. A opção pelos pobres, na Teologia da Libertação, é afirmada como “chave hermenêutica do fazer teológico, de maneira que se lê toda a revelação de Deus, aquela consignada na Escritura e também na vida da igreja, como uma contínua afirmação do Deus que defende os pobres” (MANZATTO, 2015, p. 189). Mas o mundo dos pobres não é somente lugar de uma opção da Igreja ou de algumas de suas forças, para que eles sejam reconhecidos em sua dignidade e para que se organizem e conquistem seus direitos. A Teologia da Libertação interpretou sua fé. A *Evangelii Gaudium* é rica em indicações a respeito dessa influência. No número 197 se encontra “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo ‘tornou-se pobre’ (2Cor 8, 9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG 197). Ainda mais, “para a Igreja a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica ou filosófica” (EG 198). Já no número 187 é indicado que Deus ouve o clamor dos pobres e que somos convidados a ser instrumentos de Deus:

Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. Basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres (...) Ficar surdo a esse clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto (EG, 187).

Animada pela opção preferencial pelos pobres, a Teologia da Libertação utilizou, como metodologia para seu afazer teológico, o método conhecido por ver-julgar-agir. Esse método, gestado por Joseph Cardijn – idealizador da Juventude Operária Católica (JOC), repercutiu fortemente na teologia latino-americana. Percebendo a realidade de pobreza de grande parcela da população e preocupada com os pobres, a Teologia da Libertação se valeu das ciências sociais e das mediações sociohistóricas para conhecer os mecanismos de opressão e de dominação. A respeito desse método, vale recordar que

O primeiro passo do método gestado por Cardijn visa de maneira indutiva refletir sobre a realidade e seus problemas, discernindo-a em vistas de uma ação concreta (...). O VER configurar-se-ia, *grosso modo*, o princípio analítico da metodologia. O segundo passo (...) é norteado pelo aspecto formativo, no confronto entre a realidade-problema e uma segura doutrina (evangelho) capaz de iluminar e ajuizar sobre realidade. O JULGAR é, portanto, o princípio axiológico, avaliativo aplicado à realidade. Por fim, o último momento seria o AGIR. Este passo alocar-se-ia na perspectiva de que a constatação dos fatos/problemas, e o juízo sobre eles deveria implicar naturalmente numa ação (FERREIRA, 2016, p. 218).

Esse método foi sendo utilizado por muitos grupos, aparecendo inclusive na encíclica *Mater et Magistra* de João XXIII, na Constituição pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Ecumênico Vaticano II, nas encíclicas *Populorum Progressio*, de Paulo VI, e *Sollicitudo Rei Socialis*, de João Paulo II. Na América Latina ele foi e é amplamente utilizado desde a Conferência de Medellín. Para Ferreira, “essa tradição eclesial e a deliberada opção do Papa Francisco fazem surgir documentos que podem ser observados sob o prisma da metodologia do VER-JULGAR-AGIR” (FERREIRA, 2016, p. 220). Manzatto é da mesma opinião. Afirma que “os capítulos 1 e 2 da *Evangelii Gaudium* são, nitidamente, a etapa do ver no documento papal” (MANZATTO, 2015, p. 194). Ferreira, no mesmo artigo, também aponta a presença dinâmica do método ver-julgar-agir na *Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia* (AL) e na *Laudato Si'* (LS) defendendo a tese de que estas exortações e a carta encíclica “estão marcadas por essa dinâmica que facilita o diálogo com o mundo e com a Igreja, pois partem da realidade concreta iluminada pelo Evangelho e pelo Magistério precedente para chegar a uma ação eficaz e concreta, catalisando as mais variadas tendências” (FERREIRA, 2016, p. 220).

Por fim, Francisco, pensando a partir das realidades concretas, fazendo a opção pelos pobres e valendo-se da dinâmica do método ver-julgar-agir possui uma postura profética em seus escritos. Postura amplamente partilhada por teólogos e bispos da América Latina na denúncia da realidade de dominação, marginalização e exploração dos pobres, inclusive sendo assassinados por essa denúncia (I. Ellacuría e companheiros jesuítas na UCA, irmã Dorothy, entre outros). A postura profética de Francisco é notada na sua crítica da autonomia dos mercados e da especulação financeira (EG 56), na crítica do paradigma tecnocrático dominante (LS 108), da sociedade do descartável (jovens e idosos) e na leitura crítica dos processos culturais contemporâneos. Sobre estes ela afirma:

Esta economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o facto de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída (EG 53).

1.2 Da Teologia do Povo

A Teologia do Povo, também conhecida como Teologia argentina, é igualmente uma das correntes da teologia latino-americana. Ela influenciou a Igreja argentina, mas não teve a mesma incidência no continente latino-americano como a Teologia da Libertação. Surgiu a partir da criação da Comissão Episcopal Pastoral (COEPAL) com a finalidade de pensar uma pastoral nacional. A COEPAL deixou de existir em 1973, mas alguns de seus membros seguiram como grupo de reflexão teológica sobre a orientação de Lucio Gera e Rafael Tello, professores na Faculdade de Teologia de Buenos Aires. Uma das peculiaridades da Teologia argentina, em relação à Teologia da Libertação, é a tomada de distância em relação ao liberalismo e ao marxismo, passando a pensar conceitos como povo, antipovo, cultura popular, religiosidade popular. Para a escola argentina, o povo não se compreende a partir do território ou da classe social, mas a partir da cultura como estilo de vida comum. A escola argentina não pensa a luta de classes como determinante e não considera a unidade somente como sua resolução futura ou escatológica, em uma sociedade sem classes. Além da importância dada à cultura e à religião popular, ela também trabalhou a questão do método. Os pontos que ela colocou em evidência foram:

I) o uso da análise histórico-cultural é preferida à análise socioestrutural. Ela recorre às mediações das ciências mais sintéticas e estruturais para conhecer e transformar a realidade; II) o enraizamento dessas mediações científicas num conhecimento sapiencial e um discernimento pela conaturalidade afetiva que as confirmam; e III) um distanciamento crítico diante do método marxista e das categorias de compreensão que lhe correspondem (DE MORI, 2020, não paginado).

Nos escritos e gestos de Francisco é possível perceber vários elementos da Teologia do Povo, entre eles a revalorização da religiosidade popular como um caminho válido e exemplar de uma vivência autêntica da fé cristã, a relação entre o Povo de Deus e os povos temporais, a conexão entre evangelização, libertação e cultura, a noção de *Povo fiel* como mistério que encontra suas raízes na Trindade, mas possui concretude histórica; o tema da Eucaristia e das periferias e, também, a opção preferencial pelos pobres, que igualmente está muito presente, mas sob outra perspectiva. Na opinião de Albado a influência da Teologia do Povo no magistério de Francisco

é real (...) Seu nome não aparece como um dos teóricos porque não é um acadêmico. É um pastor e um dirigente eclesial chamado a tomar decisões (...). Como professor de Teologia Pastoral no Colégio Máximo de San Miguel, comenta a Exortação Apostólica de

Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, um dos documentos magisteriais que teve maior impacto nos teólogos do povo (ALBADO, 2018, p. 82).

Scanonne, que possui um livro sobre as raízes teológicas do Papa Francisco, é da mesma opinião e ainda acrescente: “não somente se baseia em muitos posicionamentos na Teologia do Povo, mas aprofunda por sua conta, avançando sistematicamente em alguns pontos chave” (SCANONNE, 2015, não paginado). Sobre a valorização da religiosidade popular o papa afirma que “a ‘mística popular’ acolhe, a seu modo, o Evangelho inteiro e encarna-o em expressões de oração, de fraternidade, de justiça, de luta e de festa (EG 237). Citações sobre esta temática são encontradas com frequência, inclusive afirma que “as expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (EG 126). Ele ainda afirma que

as formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas. Em outros setores da nossa sociedade, cresce o apreço por várias formas de “espiritualidade do bem-estar” sem comunidade, por uma “teologia da prosperidade” sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista (EG 90).

Scanonne (2014, p. 44) recorda que “chamou a atenção o gesto do papa de pedir a bênção ao povo ao ser apresentado em público. Nós que conhecíamos seu apreço pelo ‘povo fiel’ de Deus – que comporta um modo de conceber a Igreja, o reconhecimento do ‘sentido da fé’ do povo – não ficamos espantados”¹. Tal noção aparece, por exemplo, em EG 95 e EG 96. Scanonne faz referência a essas palavras do papa:

E agora eu gostaria de dar a bênção, mas antes... antes peço-vos um favor: antes de o bispo abençoar o povo, peço-vos que rezeis ao Senhor para que Ele me abençoe: a oração do povo que pede a bênção para o seu bispo. Façamos em silêncio esta oração de vós por mim (FRANCISCO, 2013, não paginado).

A opção pelos pobres também é um elemento marcante na Teologia do Povo. A partir do aporte da *Gaudium et Spes*, que permitiu pensar a

¹ No original: “Ha llamado la atención el gesto del Papa de hacerse bendecir por el pueblo al ser presentado en público. Nosotros que conocíamos su aprecio por el “pueblo fiel” de Dios - que comporta un modo de concebir la Iglesia, el reconocimiento del “sentido de la fe” del pueblo- no nos hemos maravillado”.

teologia em relação com os acontecimentos históricos, redescobriu-se a história como lugar teológico, entendendo que a vida das comunidades atuais é o ator principal desse lugar. Assim, percebe-se um vínculo estreito entre história e cultura, no qual a história não é entendida como um processo abstrato, neutro, mas como ação de sujeitos pessoais e comunitários que forjam sua história. A cultura é entendida assim como um estilo de vida dinâmico: “a cultura é uma construção que uma comunidade humana realiza ao longo da história em busca de um bem comum que expresse a todos e inclua a todos. Por isso, o primeiro lugar nesta construção é ocupado pela pessoa, não pelos objetos”² (ALBADO, 2018, p. 38). O Papa Francisco denuncia justamente a cultura que descarta as pessoas.

O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenómeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras” (EG 53)

Nesse contexto, os pobres e sua pobreza ocupam um lugar central na compreensão da cultura na Teologia do Povo, visto que “se constituem na principal chave de interpretação para compreender em profundidade os processos históricos. Aos pobres somente se pode conhecer cabalmente se se conhece sua história”³ (ALBADO, 2018, p. 38).

Por fim, vale apontar o caráter sapiencial das reflexões do Papa Francisco. O caráter sapiencial é uma das características das reflexões presentes na Teologia do Povo. Aqui merece destaque a homilia proferida pelo Papa Francisco na celebração extraordinária de oração pela pandemia da Covid-19. Além da beleza do texto, ficou marcado todo o contexto celebrativo, acontecido na Praça de São Pedro, em 27 de março 2020. Nesse momento de oração, presidido pelo Papa Francisco, no adro vazio e silencioso da Basílica de São Pedro, causou impacto a figura singular do Papa, enquanto subia, solitariamente, com visível dificuldade, os degraus daquele espaço grandioso, tornando-se como que um “intérprete” das dores do mundo, oferecendo-as ao Cristo crucificado. A mensagem ressoou aos quatro ventos, durante uma chuva fria que banhava o grande crucifixo postado no altar para aquela ocasião. A água que escorria daquela imagem

² No original: “Por sobre todo, la cultura es una construcción que una comunidade humana realiza a lo largo de la historia en busca de un bien común que exprese a todos e incluya a todos. Por eso, el primer lugar en esta construcción lo ocupa la persona y no los objetos”.

³ No original: “se constituyen en la principal clave de interpretación para comprender en su profundidad los procesos históricos. A los pobres solo se los puede conocer cabalmente si se conoce su historia”.

parecia-nos remeter àquela cena dos Evangelhos, quando o corpo de Jesus, ferido pela lança do soldado, jorrara sangue e água.

“Ao entardecer...” (Mc 4, 35): assim começa o Evangelho, que ouvimos. Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: pressente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados “vamos perecer” (cf. 4, 38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos (FRANCISCO, 2013, não paginado).

Pelo exposto, percebe-se que a opção pelos pobres é ponto de convergência da Teologia do Povo e da Teologia da Libertação no magistério de Francisco. A pergunta sobre “quem é o pobre” ajuda a trilhar esse caminho, ver o pobre como sujeito da Teologia. O pobre é o oprimido das sociedades, o elo frágil dos conflitos sociais e, ao mesmo tempo, a expressão genuína do que é popular. É claro que a categoria “pobre” é mais presente na corrente hegemônica, mas também está presente na Teologia do Povo, principalmente na noção de “povo fiel”. A ênfase na cultura popular aqui aparece como elemento distintivo da Teologia do Povo. Percebeu-se que a corrente da Teologia da Libertação possui uma postura mais crítica, inclusive pelas influências de seus referenciais de mediação, ao contrário da teologia do povo, que privilegia uma leitura da realidade baseada em métodos mais hermenêuticos, como a análise cultural. O Papa Francisco, como foi apresentado, é influenciado por estas duas correntes.

2. Metas pastorais e desafios globais

Nesta segunda parte, apresentam-se as metas pastorais e apontam-se para os desafios globais. Procura-se indicar como as influências teológicas tematizadas tomam corpo nas metas pastorais e descortinam um modo de se perceber os desafios globais de hoje. Ressalta-se que não se trata de apresentar todas as metas pastorais de Francisco nem apontar todos os desafios.

As metas pastorais podem ser identificadas com aquilo que passou a ser conhecido como “uma Igreja em saída” (EG 20-240, isto é, uma Igreja pobre e para os pobres, que procura chegar às periferias, inclusive periferias

existenciais⁴, de se organizar a partir de uma pastoral de conversão (EG 25-33) na qual se manifeste a alegria de evangelizar e se privilegie a sinodalidade. Há também grande atenção aos temas da família, jovens e idosos. Já os desafios globais apontados são o chorar os mortos que ninguém chora, dizendo não a uma economia de exclusão (EG 53-54), dizendo não a uma idolatria do dinheiro (EG 55-58), dizendo não à desigualdade social que gera violência (EG 59-60) e dizendo não a um dinheiro que governa ao invés de servir (EG 57-58). Além destes, outros desafios apontados são os conhecidos três “T” (terra, teto e trabalho) e preocupação pela salvação do nosso planeta. A preocupação por uma nova política também se faz presente.

O Papa afirma contundentemente que “sem a opção preferencial pelos pobres, o anúncio do evangelho (...) corre o risco de não ser compreendido” (EG 199). Essa opção não se restringe a dar esmolas, mas combater as causas estruturais que estão na origem da pobreza. Nesse sentido, o papa postula a inclusão social dos pobres (EG 187) e que o combate a estas causas estruturais implica “reconhecer a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada” (EG 189), ou seja, os bens pertencem fundamentalmente a todos os seres humanos visto que este é um direito anterior ao direito de propriedade particular. Dessa maneira, a sociedade pode taxar a propriedade particular e destinar uma parcela àqueles que não conseguem se sustentar dignamente.

Sobre a alegria de evangelizar vale indicar o primeiro número da *Evangelii Gaudium* que diz:

A alegria do evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. (...) Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos, a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por essa alegria.

A respeito da preocupação por uma nova política o papa recorda que “a submissão da política à tecnologia e à finança demonstra-se na falência das cimeiras mundiais sobre o meio ambiente” (LS 54). Ele ainda manifesta que “a grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo. O poder político tem muita dificuldade em assumir este dever num projeto de nação” (LS 178). Ao recordar que a política é uma forma elevada de caridade, o papa, durante um discurso a um grupo da Pontifícia Comissão para a América Latina, afirmou aos estudantes que “fazer política inspirada no Evangelho a partir do povo em movimento pode se tornar uma maneira poderosa de sanar nossas frágeis democracias e de abrir o espaço

⁴ As periferias existenciais, por exemplo, “são as pessoas desesperadas, deprimidas, tristes, atemorizadas, interiormente vazias, que perderam o sentido da vida, se sentem abandonadas” (HUMMES, 2017, p. 27).

para reinventar novas instâncias representativas de origem popular”⁵ (FRANCISCO, 2019, não paginado). Nessa mesma ocasião, inclusive, chega a citar Oscar Romero. Além disso, Francisco completa afirmando que

“as mulheres, os jovens e os pobres são, por diversas razões, lugares de encontro privilegiado com a nova sensibilidade cultural emergente e com Jesus Cristo. Eles são protagonistas da mudança de época e sujeitos da esperança verdadeira. Sua presença, suas alegrias e, em especial, seu sofrimento são uma forte chamada de atenção para quem somos responsáveis pela vida pública”⁶ (FRANCISCO, 2019, não paginado).

Na exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* (AL), que trata justamente da temática do amor na família, Francisco afirma que “a alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja” (AL 1), citando também o relatório final do Sínodo dos Bispos (2016, n. 3) - que versou sobre a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo – no qual se afirma que “o anúncio cristão que diz respeito à família é deveras uma boa notícia”. Já aos participantes do Primeiro Encontro Mundial de Movimentos Populares, realizado em Roma em 2014, Francisco disse:

Este nosso encontro responde a um anseio muito concreto, a algo que qualquer pai, qualquer mãe, quer para os próprios filhos; um anseio que deveria estar ao alcance de todos, mas que hoje vemos com tristeza cada vez mais distante da maioria das pessoas: terra, casa e trabalho. É estranho, mas se falo disto para alguns o Papa é comunista. Não se compreende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, casa e trabalho, aquilo pelo que lutais, são direitos sagrados. Exigi-lo não é estranho, é a doutrina social da Igreja. Medito sobre cada um deles, porque os escolhestes como palavra de ordem para este encontro (FRANCISCO, 2014, não paginado).

Esta mesma consideração é retomada no segundo encontro, realizado na Bolívia. Pode-se afirmar que tal preocupação está por detrás daquilo que foi chamado de “Davos de Francisco”, um encontro destinado a jovens de todo o mundo, convocado por Francisco, em Assis, para fazer um pacto para que a economia de hoje e de amanhã seja mais justa, fraterna, sustentável e com um novo protagonismo de quem hoje está excluído. Este encontro

⁵ No original: “Hacer política inspirada en el evangelio desde el pueblo en movimiento se convierte en una manera potente de sanear nuestras frágiles democracias y de abrir el espacio para reinventar nuevas instancias representativas de origen popular”.

⁶ No original: Las mujeres, los jóvenes y los pobres son, por diversas razones, lugares de encuentro privilegiado con la nueva sensibilidad cultural emergente y con Jesucristo. Ellos son protagonistas del cambio de época y sujetos de esperanza verdadera. Su presencia, sus alegrías y, en especial, su sufrimiento son una fuerte llamada de atención para quienes son responsables de la vida pública.

foi reagendado para novembro de 2020 em função da pandemia. Na carta convite para o evento o papa escreve:

Caros amigos,

estou escrevendo para convidá-los a uma iniciativa que tanto desejei: um evento que me permita conhecer quem hoje está se formando e está iniciando a estudar e praticar uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a depreda. Um evento que nos ajude a estar juntos e nos conhecer, e que nos leve a fazer um "pacto" para mudar a atual economia e dar uma alma à economia do amanhã. Sim, precisamos "re-amar" a economia! E qual cidade seria mais adequada para isso do que Assis, que há séculos tem sido símbolo e mensagem de um humanismo da fraternidade? (FRANCISCO, 2020, não paginado).

Por fim, recorda-se que Francisco, no início de seu pontificado, viajou à ilha de Lampedusa, na Itália, que era cenário de uma tragédia humana. Inúmeros migrantes vindos da África e do Oriente Médio perderam a vida na travessia do mar Mediterrâneo em barcos precários e superlotados. Na ocasião o Papa consolou e se solidarizou com os migrantes, encorajou a população de Lampedusa a acolher os migrantes, inclusive acolheu migrantes no Vaticano, denunciou e condenou a indiferença com que esta tragédia estava sendo tratada, não tolerou que o Mediterrâneo se tornasse um grande cemitério. O cardeal Dom Cláudio Hummes recorda as palavras do papa:

Quem de nós chorou por este fato e por fatos como este? Quem chorou pela morte destes irmãos e irmãs? Quem chorou por estas pessoas que vinham no barco? Pelas mães jovens que traziam seus filhos? Por estes homens cujo desejo era conseguir qualquer coisa para seus filhos? Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de "padecer com": a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar! (...) Peçamos a Deus a graça de chorar pela nossa indiferença, de chorar pela crueldade que há no mundo, em nós, incluindo aqueles que, no anonimato, tomam decisões socioeconômicas que abrem a estrada aos dramas como este. Quem chorou? Quem chorou hoje no mundo? (HUMMES, 2017, p. 13).

Conclusão

Este artigo procurou identificar as influências teológicas do Papa Francisco. Ao analisá-las, defendeu-se a tese de que estas influências teológicas tomam corpo nas metas pastorais de seu pontificado e também oferecem um horizonte para a maneira de Francisco perceber os desafios globais de hoje. Percebeu-se que as influências teológicas da Teologia da

Libertação - tanto na sua vertente mais crítica, quanto na sua vertente argentina conhecida como Teologia do Povo - ilustram de maneira significativa as preocupações do Papa Francisco e são o cerne de sua evangelização marcada tanto pela denúncia das estruturas de exploração quanto pela proximidade aos esquecidos da história.

Referências

ALBADO, O. C. La teología del pueblo: su contexto latinoamericano y su influencia en el Papa Francisco. *Revista de cultura teológica*, v. 26, n. 91, p. 31-57, 2018.

DE MORI, Geraldo. *A igreja e a teologia na escola dos pobres*. Belo Horizonte, 2020. Apresentação PowerPoint, 125 slides. Material não publicado.

FERREIRA, R. R. Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 215-228. 2016.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG)*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. Bênção Apostólica "Urbi et Orbi" Primeira Saudação do Papa Francisco (2013). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html. Acessado em: 12 jun. 2020.

FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco aos Participantes no Encontro Mundial dos Movimentos Populares (2014) Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html. Acessado em: 12 jun. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si': Sobre o cuidado com a Casa comum (LS)*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia: sobre o amor na família (AL)*. São Paulo: Loyola, 2016.

FRANCISCO, Papa. Carta do Papa Francisco para o evento "Economy of Francesco" (2020). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2019/march/documents/papa-francesco_20190304_pontcommissione-americalatina.html. Acessado em: 12 jun. 2020.

HUMMES, C. *Grandes metas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2017.

MANZATTO, A. O Papa Francisco e a Teologia da Libertação. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, v. 23, n. 86, p. 183-203, jul./dez. 2015.

NOGUEIRA, Antônio Ronaldo Vieira. A Igreja dos pobres como nota da Igreja e marca da espiritualidade cristã: uma reflexão a partir de Jon Sobrino e do Papa Francisco. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 51, p. 606-621, set./dez., 2015.

SCANNONE, J. C. Papa Francesco e la teología del popolo. *La Civiltà Cattolica*. v. 165, p. 571-590. 2014.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SCANNONE, J. C. "El Papa Francisco, ¿teólogo del pueblo?" *Criterio*. Disponível em: http://www.revistacriterio.com.ar/bloginst_new/2015/04/30/10691/. Acessado em: 12 jun. 2020.

SÍNODO DOS BISPOS, XIV Assembleia Geral Ordinária. *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*. Brasília: Edições CNBB, 2016.

TRIGO, P. *Papa Francisco. Expressão atualizada do concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2019.